

COMERCIO DA AJUDA



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

REGISTAMOS com satisfação que, atendendo as nossas reclamações, o digno chefe da esquadra policial da Ajuda destacou alguns guardas para a repressão dos desmandos dos maus garotos e garotões. Sabemos que o serviço dos referidos guardas tem sido feito de maneira a merecer louvores.

PROMOVIDA por uma comissão de sócios efectua-se, no próximo dia 7, no Ajuda-Club, uma brilhante festa, destinada a alcançar um verdadeiro exito pelo cuidado havido na elaboração do respectivo programa.

OCORREU há dias na cidade de Colonia um crime deveras sensacional e monstruoso. Um cavalheiro qualquer montou uma salsicharia e o negocio corria-lhe ás mil maravilhas. A freguesia atraída pelo aroma irresistível das salsichas, entrava a inquirir dos preços. O dono da casa mostrava-lhe amavelmente a sua mercadoria e quando o freguês estava embocorado na contemplação dos deliciosos paíes, applicava-lhe, pela rectaguarda, uma mocada na moleirinha, empurrava o cadaver para debaixo do balcão e, passadas poucas horas, tinha transformado o defunto, em divinais chouriços e paíes. Quando se descobriu o macabro negocio, mercê duma unha humana encontrada num chouriço, já o comerciante o exercei há mais de vinte e sete meses. A Justiça condenou o salsicheiro a prisão perpétua. Para socógo dos nossos leitores magros, informaremos que os freguêses só corriam o risco de ser transformados em salsichas, quando eram suficientemente gordos para dar um rendimento razoavel.

Absoluta falta de espaço impede-nos mais uma vez de publicar bastante original, e entre êle um interessante relato da chegada triunfal de Carlos Bleck a Nova Goa, devido á pena do nosso amigo e correspondente naquella possessão da Índia portugueza, sr. Agostinho Anitono.

SEMANA SANTA

Dezanove séculos são decorridos depois que no alto de Gólgota se desenrolou o sanguinolento drama nesta semana comemorado.

Em meio duma sociedade corrompida pelos vícios e abominações importados da Roma pagã, surgiu uma figura singular — homem simples, visionário, profeta, Deus, (cada um prefira destes termos o mais consentâneo com a sua fé ou descrença), apparecera e tinha falado ás turbas, prégando uma doutrina nova, toda de paz e amor.

A sua voz era potente e sonora quando condenava o egoísmo e a sordidez, quando verberava a cupidez dos sacerdotes e a venalidade dos escribas e fariseus; mas tinha entonações da mais suave ternura ao dirigir-se aos pobres e infelizes, a quem anunciava uma era de redempção.

As mãos delicadas tinham extrema leveza ao acariciarem as criancinhas que o seguiam atraídas pelo seu olhar dôce, mas eram vigorosas e fortes quando empunhavam o látigo com que êle expulsava os vendilhões do templo.

Dizia aos ricos que a fortuna de que eram detentores pertencia também aos pobres, prometia aos desgraçados a justa compensação das lágrimas derramadas.

E pondo acima de todas as determinações da antiga lei, no que dizia respeito ás relações mútuas entre todos os homens, o preceito de que *não devemos fazer aos outros o que não queremos que nos façam*, estabelecia a doutrina de que os homens são iguais, devendo-se reciproco respeito, dedicação e amor, base única da paz universal e constante.

A teoria exposta assim, num meio em que havia homens escravizados ao poder doutros homens, mulheres que os senhores arremecavam para a abominação dos prostíbulo, leprosos que gemiam escorraçados e condenados a morrer no mais cruel abandono, tantos e tantos empolgados pela miséria e morrendo de penúria, a teoria era facilmente abraçada pela multidão dos desamparados da fortuna, mas desagradava sobremaneira aos ricos e grandes, que viam nela um perigo de revolta e talvez a queda da sua supremacia.

Por isso os que temiam a divulgação da nova doutrina se conluíaram, e intrigando, difamando, mentindo, levaram ao fim o crime nefando de condenar, servindo-se de falsos argumentos, o extraordinário rabi que, por único meio para o estabelecimento da sublime teoria, dispunha apenas da sua palavra sempre fluente, dos seus conceitos sempre justos.

A infâmia consumou-se. Arvorou-se uma cruz e nela foi pregado, com implacável ferocidade, aquele que se limitava a pedir a todos os homens que se amassem.

E se entre os humildes, a quem êle procurava erguer da sua pequenez, alguns o seguiram e lhe choravam a morte, outros houve que ao vê-lo amesquinhado e

ENTROU no 3.º ano de publicação o nosso presado colega «O Retalhista de Viveres» orgão da Associação Commercial dos Retalhistas de Viveres de Lisboa. Felicitamo-lo, desejando-lhe muitas prosperidades.

A Sociedade Recreio Ajudense leva a effecto, na sua sede, na noite de 7 de Abril proximo, um esplendido espectáculo desimpunhado pelos alunos do mestre de teatro, sr. Araujo Pereira, representando-se a famosa peça de Ibsen «Os espectros».

NO Tribunal do Sena foi proferida há dias uma sentença original.

Um modesto parisiense meteu duas galinhas debaixo do braço, procurou um amigo a quem convidou para um pic-nic e dirigiram-se os quatro (contando com as galinhas, é claro) para os arrabaldes de Paris, aonde os dois amigos se bateram com os galináceos. Ao fim da tarde, terminada a merenda, os dois amigalhões regressavam a Paris de automovel, mas...

Mas um carro de bombeiros deu uma *caqueirada* no automovel e de que resultou o convidado ficar sem uma perna. O nosso amigonão se atrapalhou com o sucesso. Apresentou queixa no Tribunal contra o amigo, alegando que se este o não tivesse convidado para o passeio não teria ficado sem a perna. O Tribunal do Sena acabou de lhe dar razão, condenando o amigo a pagar-lhe uma indemnização de 60.000 francos!

DEU-NOS o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Francisco Dias Soares da Cunha, que acompanhado por sua Ex.ª esposa e filho, vêm a Lisboa passar as férias da Páscoa.

DEVEM ser transferidas na próxima semana, para o edificio construído expressamente no Bairro Economico, as instalações da esquadra policial da Ajuda.

(Continua na 2ª página)

A Favorita da AjudaDE
ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros
Vinhos recebidos directamente de Arruda**LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

II Excursão Anualpromovida por
"O Comércio da Ajuda"

Com a chegada da primavera, anuncia-se próxima a época dos passeios e excursões, aproveitada por um grande número de portugueses, para conhecerem de preferência o seu país — as maravilhosas regiões de Portugal.

«O Comércio da Ajuda», a exemplo do ano passado, leva também a efeito, em 12 e 13 de Agosto próximo, uma excursão a Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Leiria, Fátima, Tomar, Torres Novas e Santarém — vasta região, bela entre as belas, de Portugal, notável pela beleza das suas paisagens, dos seus panoramas, dos seus monumentos.

O interesse que o anúncio da nossa excursão despertou nos leitores de «O Comércio da Ajuda» traduziu-se pela afluência de inscrições, que em poucos dias atingiu algumas dezenas, pela persistência com que estas têm sido mantidas, e pela chegada de inscrições novas, que garantem desde já, a lotação de dois grandes auto-carros.

* * *

Numa pequena série de crónicas, e pela pena autorizada de alguns brilhantes escritores, vamos arquivar nas colunas do nosso jornal uma resumida descrição das maravilhosas regiões que a excursão deve percorrer.

São pois, da excelente publicação «Estradas de Portugal» as palavras que seguem:

«Vai-se da cidade pelo Campo Grande e Lumiar. A primeira povoação que se atravessa é a *Povoia de Santo Adrião*, cuja igreja paroquial se vê á direita, com o seu singelo portal manuelino. Não tarda que nos encontremos no largo principal de *Loures*, vila de 4,355 habitantes, um pouco banal e incaracterística. Mas eis que um lindo trecho arborescido nos vai levar, passada uma ponte sobre a ribeira de Lousa, á igreja matriz da vila, reconstruída após o terramoto.

Defronte do templo, Cruzeiro de Cruz floreada, do século XV.

Dali a estrada, vencendo de novo a ribeira de Lousa sobe por *Pinheiro de Loures*, ficando sobranceira ao vale por onde corre o ramo principal da ribeira de Sacavem. Em seguida desce rapidamente a *Ponte de Lousa*, pequena povoação á beira da estrada, encaixada entre colinas abruptas, e margina depois a pequena ribeira de Lousa. Subitamente o vale abre-se e surge-nos em frente *Lousa de Cima*, pitoresca povoação a preparar á direita do vale, que ora se estreita ora se alarga, entre colinas respontadas de casais, cobertas de arvoredos, densos pinhais e pomares verdejantes.

Depois de *Venda do Pinheiro, Malveira, e Vila Franca do Rosario*, a estrada atravessa uma nesga de terrenos férteis coberta de vinhedos. São as ricas terras da *Freixoira* e do *Turcifal*, da região vinícola de Torres.

Após *Carvalho e Catafica*, surge-nos *Torres Vedras*, vila de 8,413 habitantes, onde merecem ser vistos o maravilhoso portal manuelino-renascença, da igreja de S. Pedro, e o Chafariz dos Canos, do século XIV, mas reconstruído em 1561. Aqui fará a excursão uma pequena paragem, afim de se tomar o pequeno almoço.

(Continúa)

Club de Football OS BELENENSES

Recebemos o seguinte:

COMUNICADO

Para proceder a uma completa remodelação dos serviços da Secretaria, e afim de actualizar a numeração do Registo de Associados, comunica esta Direcção aos seus consócios que se encontram em atraso de quotas, a necessidade de efectuar o pagamento das mesmas até 15 de Abril próximo.

Até esta data poderão os senhores associados dirigir-se á Direcção nêssentido, e findo este prazo serão eliminados os restantes, para immediato inicio daquele trabalho.

Semana Santa

(Continuado da 1.ª página)

vilipendiado, lhe arremessaram a suprema injúria, clamando diante de Pilatos para que a liberdade concedida pela pascoa a um criminoso, fôsse dada de preferéncia a um ladrão e facinora.

Dezanove séculos passaram já. O progresso, nas suas mais brilhantes manifestações, tem enchido o mundo de verdadeiras maravilhas, os escravos tiveram alforria e a mentalidade dos homens desenvolveu-se até a concepção das mais estranhas e avançadas teorias de engrandecimento e liberdade dos povos. Mas as misérias e desgraças não desapareceram da face da terra. Milhões de desgraçados gemem sob o peso das mais cruciantes amarguras, ou esmagados por trabalhos rudes de que êles sofrem as fadigas e outros colhem os frutos.

Há cérebros que se não iluminam e crianças que definham. Em contraste, encontra-se ainda quem avaramente amontoe riquezas, ou gaste perduláriamente em orgias, o suficiente para manter milhares de esfomeados. Há nações que se odeiam, interésses que se degladiam, guerras em que os paises se arruinam e os homens se trucidam sem piedade.

A semente lançada á terra pelo galileu crucificado, ainda não germinou completamente, apesar do sangue com que milhares dos adeptos da sua doutrina adubaram o terreno.

A semana termina com um grito de alegria — Aleluia! — Oxalá, de ano para ano, ao chegar este dia, a humanidade, atingindo emfim um grau supremo de felicidade e verdadeira paz, possa repetir cada vez com maior entusiasmo e alegria: Aleluia! Aleluia!

Alfredo Gameiro.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia * Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacêutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mas} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

Ao de leve...**PADROEIRA DO FOOTBALL**

Um senhor que escreve ao domingo num diário da capital, vinha outro dia, em falinhas mansas, a propósito do X Portugal-Espanha, apontando o nome duma santinha que o dito senhor indica como santa-padroeira do football, e á qual se dev em dirigir as preces em favôr das vitórias dos grupos nossos affectos.

Sua Ex^a parece que não tem em grande conta o desporto que arrastou no penultimo domingo algumas dezenas de milhar de pessoas ao Estádio do Lumiar — tanto que se refugiou, na mansidão dum local pacato, ao enjão de ouvir por essa cidade os nomes do Zamora, do Pinga, do Victor Silva...

Uma santinha — decerto de sorriso mui bondoso e meigo — padroeira do football!... Ora batatas!

Como por ironia, fômos vêr no mesmo dia o desafio Sporting-Barreirense, vibrámos intensamente ante a beleza máscula e viril dum desporto onde homens, plenos de mocidade e vigor, em nobre competição, mediam forças em disputa duma leal supremacia. E ante a compleição verdadeiramente atlética dos componentes dos grupos em luta, dispendendo energia a mãos cheias, numa demonstração viril de força e saúde, eu tinha em mente a peregrina ideia de se vir *misturar* um sentimento místico, em confusão piégas e lamecha, com um desporto todo emoção e energia, feito para as tardes esplendorosas em que faisca o sol. E a cada momento que me vinha á lembrança tão extranha ideia, quasi me indignava. E dizia depois, tôdo aborrecido, comigo mesmo: — Ora batatas!

Af. Aço.

PARA OS POBRES

Continuação da lista de nomes dos pobres a quem foi distribuída a importância do saldo da festa efectuada pelo nosso jornal, na séde do Belem-Club:

Transporte, 360\$00. — Rosa de Oliveira, Caramão da Ajuda; Maria Luiza Farinha, Rua do Laranjal, 8; Joaquina da Conceição, Rua das Mercês, 54; Maria Margarida, T. de Paulo Martins, 20; Maria do Carmo Silveira, Rua das Mercês, 12; Maria da Conceição, Rua da Paz, 8; Maria do Carmo Luzia, T. de Paulo Martins, 13, 1.º; Domingos Marques Oliveira, T. da Madresilva, 29; Amélia de Sousa, Rua de D. Vasco, 36, porta 6; Trindade A. Carvalho, T. das Verduras, 8; Rita Maria Abranches, T. Victorino de Freitas, (quinta); Maria de Barros Figueiredo, R. João de Barros, 8, 1.º; Margarida Meirelles Lopes, Patco das Damas, 5; Emilia Alves, Casal da Mina, á Estrada dos Gafanhotos; Tiburcio Alves Conceição, C. da Boa-Hora, 200, 1.º. — A transportar, 510\$00. — *Continúa.*

* * *

A quantia de 10\$00 — e não 7\$50 como por lapso mencionámos — que há tempos recebemos para distribuir por 2 cancerosos, foi entregue a Jesuina dos Santos, moradora na Rua das Mercês, 63, r/c.

AOS SENFILISTAS

O nosso amigo sr. Fernando Pedroso, agente de vendas da casa *Radio Lux, Rua da Conceição, 125, 3.º* distribuidora dos afamados aparelhos de T. S. F. marca *R. C. A.* e *Magic*, participa-nos que tem para entrega imediata, em vendas a pronto e a prestações, uma nova remessa dos mais modernos aparelhos das referidas marcas, concedendo 2 % de desconto a favor dos nossos pobres, na venda de qualquer aparelho. Demonstrações gratuitas. Prestam-se todos os esclarecimentos na morada acima ou na C. da Ajuda, 176.

Liga dos Esperantistas Ocidentais

Comemorando a passagem do seu 3.º aniversario, inaugurou esta Liga no passado dia 25, uma Exposição Esperantista. Esta exposição, bem como as restantes dependencias da séde da Liga, Rua João de Lemos, 3, 1.º, a Santo Amaro, estarão patentes ao público, em todos os dias úteis, das 20 ás 24 horas, e aos domingos das 12 ás 24 horas, podendo ser admirados numerosos postais ilustrados, vindos de todo o mundo, colecção de selos de propaganda esperantista, obras literárias, politicas, comerciais, industriais, turísticas, desportivas, etc., traduzidas para Esperanto, e entre elas, bastantes originaes, e grande diversidade de jornais, revistas, folhetos e cartazes de variados objectivos.

A exposição encerrar-se-á no domingo 15 de Abril, havendo no dia 14, ás 21 horas, uma sessão solene de homenagem ao distinto poliglota que foi Dr. Luiz Lázaro Zanenhof, em que a organização esperantista portugêsa se fará representar pelos seus mais categorizados mentores, e no domingo 15, ás 22 horas, uma sessão de encerramento.

Serão proporcionadas aos visitantes esplendidas audições de T. S. F.

Realizar-se-hão também várias palestras na séde da Liga e pelos postos emissores de T. S. F., as quais serão anunciadas com a devida antecedência.

BILHETES DE VISITA

desde 4\$00 o cento

C. da Ajuda, 176 - LISBOA - Telefone B. 329

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes.

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mat) e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 - LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam, e continuam vendendo os Lems

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}**PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 - LISBOA

José António Rebelo de Avelar**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 - Telef. B. 83

MERCEARIA CONFIANÇA
 DE **João Alves**
 CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

LISBOA-MADRID

IMPRESSÕES DE VIAGEM

(CONTINUAÇÃO)

Numas árvores desfolhadas vêem-se uns ninhos de cegonhas, o que para quasi todos foi um espectáculo de curiosa novidade. Os ninhos são tão grandes e tão feios que dão a ideia de meia carrada de estrume colocada a grande altura, nos galhos desnudados das árvores. Dentro d'elles, algumas cegonhas debicavam inofensiva e pachorrotamente, de certeza o primeiro almoço. O seu aspecto era triste e não sei ainda porquê — toda a gente sentia dó dos pobres animais.

Tomamos o ramal da Cáceres, pelo qual seguiremos até encontrar em Espanha. Chegamos a Pezo cerca das 10 horas. O comboio pára para abastecimento. A paisagem tornara-se desgraciada, monótona. Entráramos nas charnecas do Alto Alentejo. Azinheiras e sobreiros estendem-se em grandes extensões. Nuns montes fumegantes, queima-se em combustão lenta o azinho que dará o carvão.

Às 10,30 chegamos a Marvão, última terra portuguesa antes da fronteira. A Polícia Internacional põe-nos o visto nos documentos, formalidade que nos faz perder uma hora de viagem. Aproveitou-se a oportunidade para fazer umas fotografias e pôr á razão dos jurros o juízo da mulher da c ntina, que se viu em apuros para

atender as dezenas de galfarros que como demónios lhe caíram em cima.

Novamente em marcha e eis que nos achamos prestes a passar a linha convencional que tão profunda separação exerce entre povos que têm uma origem quasi comum.

Entre os excursionistas estabelecerase havia muito uma camaradagem que estrugia esplêndida a cada momento. Passada a fronteira combinou-se fazer uma manifestação calorosa á primeira pessoa que encontrássemos em território espanhol. Assim se fez, mas a primeira que apareceu foi... um burro que pastava lazarento entre pedras e pedregulhos, indiferente a tão calorosa simpatia...

A passagem da fronteira tollos começaram como por encanto a falar sómente a lingua de Cervantes. Parecia que tanta ciência brotava por debaixo dos bancos — porque todos *hablavam* sem a mínima hesitação. E era de nos desbarrigarmos a rir pela infinidade de asneiras proferidas, verdadeiros atentados á lingua castelhana.

A um pobre diabo que na estrada assistia á passagem do comboio, gritou um, a plenos pulmões:

— *Adiós Chico. Que salero tienes!*

E ele, com largueza, respondeu fazendo o gesto que Bordalo Pinheiro immortalizou no barro ao mesmo tempo

que o mandava com desembaraço a uma parte que eu não percebi bem qual fôsse...

Chegamos a *Valência de Alcântara*, cuja estação se encontra repleta de lindas raparigas, com as quais entabolamos alegre conversação. Miramos com curiosidade os *carabineiros* e a *guardia civil*, éstos de longas espas e de chapéu massic, preto e de curioso aspecto.

Em *Aragona*, é substituída a locomotiva por outra dos caminhos de ferro espanhóis. É muito curiosa a sinalização das vias ferreas espanholas, bem como a das estradas.

Atacam-se de novo os lanches — valorosamente — que bem assim resistem pela profusão do munição...

As oliveiras e sobreiros contam-se por milhões. Durante dezenas de quilómetros estendem-se sem fim, a perder de vista.

Num vale cerrado, corre por entre penhascos um rio estreito mas caudaloso, que se nos afigura ser o Tejo. Não sei porque, mas sempre que viajamos, temos a impressão de que os rios que vemos são, invariavelmente, o Tejo...

Entramos em *Arroyo-Malpartida*, onde nos demoramos trinta e cinco minutos, pret-xo para grandes galanteios a *las muchachas*, bonitas e desenhovalladas, que em grande número comparecem na estação. Travam-se conversas — em grupos risueiros e animadíssimos — pela nossa parte em ultra-bárbaro castelhano, que cada qual engendra como lhe dá na gana:

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170
Telef. 6. 729

Consultas

pelos Ex. mo. Drs.

CARRILHO XAVIER

Partos, doenças das senhoras.
Clínica geral

TODOS OS DIAS
às 15 horas

MEDINA DE SOUZA

Médico dos Capítulos
Coração e pulmões
Clínica geral

TODOS OS DIAS
das 17 ás 19 h.

Serviço noturno
às quartas-feiras



Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 553 (antiga mercearia Malheiros)

que si encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

At menos a título de curiosidade fazei o vosso vis'ta áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece.

— *Adiós Chico. Viva tu padre e tu madre!*

E elas, ás gargalhadas:

- *Adiós! adiós!*
- *Paqueta, como te pasas?*
- *Bueno. Muchas gracias!*

Deixamos as espanholas e seguimos em direitura á serra de *Mirabela*, que como um intrançível obstáculo se nos atravessa no caminho. A locomotiva, arfando, ataca vigorosamente a íngreme subida. A paisagem é rude, bravía, grandiosa. Escarpas, penhascos. Chegadas ao cimo, empreendemos a descida em veloz correria. O comboio segue em desfiladeiro, íngreme, agreste, impetuoso. Velocidade louca, um barulho ensurdecedor de ferragens que se chocam, que nos ensurdece. Pontes, tuneis, rampas, por onde seguimos, a descer, a descer, numa velocidade enorme, colossal. Novas pontes, novos tuneis e chegamos finalmente, depois de vinte minutos de louca correria ás faldas da serra, onde corre um rio que de certeza sabemos ser o Tejo.

Passada *Mirabela*, seguem-se planos enormes, extensísimos, desabrochados, tristes. A paisagem é monótona, sempre igual. Durante horas, mesmo á velocidade do nosso rápido — e principalmente desde que deixámos a fronteira, a paisagem tornara-se aborrecida, sem variantes, como um filme velho e estafado mostrando ininterruptamente as mesmas imagens, que acabam por nos caegar a vista — sempre sedenta do novas mutações.

(Continúa) Afonso Aço.

A Torre da Ajuda

No nosso número anterior noticiámos ter caído um dos sinos desta velha torre, da qual, nos n.º 13 e 17 d'este quinzenário se encontra já uma breve descrição, em artigo subordinado ao título *Ajuda doutros tempos*.

E' occasião agora de ampliarmos o que então foi dito com os seguintes informes.

Possue a torre onze sinos: oito que se vêem nas sineiras e três na parte alta interior, e que pertencem ao relógio.

Parece que éstos últimos vieram para ali da antiga Patriarcal, que antes do terremoto estava situada no Paço da Ribeira, em Lisboa. Os outros foram expressamente fundidos por occasião do levantamento da torre.

Os sinos das sineiras têm os seguintes pesos:

- 1.º 4.305 kg.; 2.º 3.165 kg.; 3.º 1.770 kg.; 4.º 1.669 kg.; 5.º 1.362 kg.; 6.º 966 kg.; 7.º 726 kg.; 8.º 615 kg.

O que o vento despenhou, e por feliz casualidade não occasionou nenhum desastro pessoal, é o que mencionamos em quinto lugar, e foi consagrado a S. Vicente, mártir.

Os sinos tinham uma montagem perfeita, mas o tempo encarregou-se de produzir nos engates tais destroços, que nos admiramos de não terem já caído todos. E é deveras para estranhar que em devido tempo se não tenham efectuado as devidas reparações, visto que há onze anos, segundo nos infor-

mam, se começou ali a montagem de andaimes para êsso fim.

Tomos a esperança de que desta vez a obra será levada a cabo.

Sobe-se para a torre por uma escada interior que tem no 1.º lanço 21 degraus, no 2.º 14, no 3.º 14, no 4.º 18 e no 5.º 13, num total de 80 degraus.

E' depois do 4.º lanço que se encontra o relógio, de perfeitíssima construção, devido ao hábil relojoeiro José da Silva Maíra, que dele ficou cuidando desde 8 de Setembro de 1796, data em que foi pôsto a trabalhar. Quando, já alquebrado pela idade, José da Silva Maíra difficilmente podia cumprir os obrigações do seu cargo, substituiu-o seu filho, que usava o mesmo nome do pai, o qual, por seu turno foi também substituído por um filho, António Júlio da Silva Maíra, neto do construtor, e que supomos ter fallecido em 1866.

Actualmente está encarregado do dar corda ao relógio um guarda da próxima esquadra de policia civica.

A torre tem uma grimpá de bronze dourado com 31 palmos de alto, e o galo do catavento mede 18 palmos do bico á cauda.

Dos fogaréus nos ângulos da torre apenas existem dois, tendo um d'elles caído há mais de 50 anos sobre uma casa próxima, que ficou bastante danificada.

A. G.

Os olhos de Socorro estão nos olhos de Tereza e os desta nos de aquelle! Há um fluido mysterioso que os liga, que os confun le, que se não pode quebrar. Contudo, têm que separar-se, embora por minutos...

Pelo rosto de Socorro passam expressões selvagens. Aproxima os lábios dos de Tereza, e ella, com irresistivelmente, violentamente, os dentes chocam-se com ressonâncias religiosas...

Pasmado, escá idolo, lutrizado... Separaram-se. Nos lábios dos dois camaradas há vestígios de sa gue. Afastam-se, olhos nos olhos, hipnóticos, incunctários...

Socorro levanta o pescoço, dentes cerrados com ira, olhos fixos muito para além de Tereza, num deslojo

Maria Tereza

Por MALAIO BULAK
(CONCLUSÃO)

que se não satisfaz tão depressa como elle quer, solta um gongoi sur la feraz, grandioso, de aquelles que só as feras da selva impunctáveis sabem rir e compreender...

— Caiste nas garras do dominador. Abdicaste do teu império, do teu orgullo e da tua altivez. Fez-te até uma coisa, que a nenhuma de nós ninguém fez; beijou-te em público, no primeiro dia em que te viu...

— Socorro é a antítese do homem que tu me desreveste. É, sem dúvida, uma intelligência excepcional, mas não é, de forma alguma, um dominador de feras... Sentiu e expressa o amor como nenhum outro ainda o fez. Porém é humilde como um cor leiro, simples como a natureza, meigo como o Sol... Descobriu a verdade do nosso comum destino e revelou-ma. Por isso consenti que me falasse e beijas-se. Elle é o homem do meu futuro, o meu marido...

Helena mordaz: — O teu senhor!

— Não — respondeu Maria Tereza com convicção — elle é o meu escravo, prometeu ser o meu servo...

— És um cínico e um bruto! Introduziste-te na minha alma e no meu coração, disfarçado de pombo innocente! Depois de te apoderares de mim, desnudaste as plumagens innocentes e ficaste o que realmente és: Uma

serpente, uma víbora... Premdes dominar como o mais abominável dos súltes. Coarças-me as mais elementares liberdades e intervens nos meus gostos, no meu vestuário, na minha alimentação, em tudo! Tens até a audácia de resolver sobre as minhas disposições de espirito. Irritas-me e ordenas-me, despoiticamente, que me mantenha alegre e bem disposto... Não posso suportar-te mais...

Socorro, de olhar duro, musculos da face contraídos, fala lenta, grave, severamente:

— Cada creatura tem aquilo que merece. És caprichosa, excessivamente burgoza! Terás que te tornar humilde e meiga para mim, se não o teu senhor. Terás que perscrutar-me os mais súbtils desejos, adivinhar-me os pensamentos, e conjurar a triboza ou o desânimo, quando destes estados de mim se aproximarem... Em troca prometo-te ser generoso. Irrei concedendo, cada vez mais, ampla liberdade, á medida que fores tomando consciéncia, que te aproximares da minha superioridade... Seré carinhoso, razoável...

— Hipócrita e velhaco! Jámais me submeterei ao teu poder e para mim não passarás nunca dum pallhaço!

Socorro, sem modificar a expressão do seu rosto, aproximou-se, serenamente, de Maria Tereza, poisou-lhe quatro violentas bofetadas ás faces, agarrou bruscamente no chapéu, e abriu a porta do quarto. Parou e voltou-se para a mulher, Estendeu solenemente o braço e disse:

— Entre nós tudo acabou! Nem mais uma palavra, nem o menor contacto!

Calou-se, desviou de Maria Tereza o olhar terrível,

saiu e cerrou a porta... Ouviram-se ainda os seus passos descendo, lenta e pesadamente, as escadas...

Ficou extática, muda de espanto! Nunca ninguém, nem seus pais, mesmo em criança, lhe haviam batido. E êsse espanto emudeceu-a, paralizou-a! Vio-o sair, passou-se tempo e Maria Tereza parecia petrificada, estatuetizada! A pouco e pouco, foi acordando daquelle torpor... O rosto, te non uma expressão dolorosa, invadida um sofrimento immenso, as lágrimas brotaram-lhe em torrente e correm a esconder no leito as faces rubras de desespero, de cólera e de vergonha! Os seus pergaminhos, a sua nobreza esbofetada, pela brutalidade dum plebeu! Sentiu o coração opresso, sufocava... Teve ansias de ir buscar uma face e de se matar! Teve tentações de fugir, desaparecer, de não mais ser vista... Desgrenhou raivosamente os lindos cabelos, torceu desesperadamente as mãos, os dedos mimosos, finíssimos... Solçou horas, verteu lágrimas, torrentes daquelle precioso liquido e por fim, estenuada, cerrou os olhos, rarearam-lhe os soluços e os beicinhos de mimo...

Chegou-se a hora de jantar, ergueu-se do leito, compôz-se um pouco ao espelho, procurou vencer um soluço tomoso que vinha de longe, em longo. Esperou com indifferença, mas passaram duas horas e Raul não regressára a casa, ainda, para jantar. Penseu nela, recordou a maneira como o conhecera, a mágnia que lhe ter no rosto, quando elle saía do quarto, depois de lhe ter batido e assaltou-a, repentinamente, uma ideia horrível, teve mádo... de que elle não voltasse!

Favorita Ajudense
 DE **J. J. CAETANO**

Completo sortido de Fanfuetto, Retrozeiro, Recparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169
 TELEFONE BELEM 456

Mas não. Voltou! Abriu a porta vagarosamente entrou, poisou o chapéu numa cadeira e dispunha-se a sair para a sala de jantar...

Maria Tereza correu para elle como louca, envolven-lhe sofragamente o pescoço, beijou-o repetidamente, nos lábios, nas faces, nas mãos!

— Perdôa-me Raul! Não te zangues comigo!

Raul serenamente:

— Não estou zangado contigo! Eu nunca me zango e sófro tanto como aquelles a quem castigo, quando tenho de ser severo... Nada tenho que te perdoar.

Beijou-a m'igemente na testa, encostou-lhe a linda cabeça ao seu peito, osculou-lhe os finos cabelos e com as mãos, acariciou-a docemente, amorosamente.

FIM.

Nova Padaria Taboense
 DE **ANTÓNIO LOPES MARQUES**

Esta padaria está patente ao publico
 para verem as suas condições hygienicas

R. das Mercês, 110 a 120 — SUCUBAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
 TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

O "CHINHAS"

Os leitores não conhecem o Chinhas, pois não? Não admira... O Chinhas é um menino pequenino, que ainda não conta tantos meses, como eu já conto de anos! É rechunchado, ostentando as pregas das pernocas, com o garbo de um mosqueteiro... Já nos tínhamos visto algumas véses, mas, verdadeiramente só há dois dias nos conhecemos e falámos a sério sobre um tratado de amizade. O Chinhas, perrucho sem preconceitos nem prosápias, consentiu que eu lhe pagasse ao colo e o deitasse nos meus braços. Nenhuma observação opôz, limitando-se a olhar-me nos olhos, bem de frente, como que a perscrutar-me... Julgo — sem toleima — que foi agradável o juízo, que de mim fez o Chinhas, porque em vez de fugir-me se aninhou melhor nos meus braços e me apertou com os seus dedinhos mimosos o meu desconforme «fura-bólos»!

Confesso que me senti feliz e — porque não dizê-lo? — vaidoso, ao vê-me alvo de tanta confiança... Eu e o Chinhas — bons amigos — isolámo-nos em íntima conversa e trocámos curiosas impressões sobre coisas que eu não compreendo, talvez por serem extremamente simples e sem pecado! A nossa amizade aumentou e o Chinhas consentiu, com agrado, que eu lhe tocasse com as mãos enormes e ásperas na soda das suas facesinhas, nos seus olhinhos, tão lindos, na macieza dos seus ténues cabelos e até

num dentinho marôto que lhe começa a despontar...

O Chinhas — nada snob — riu-se de algumas momices que lhe fiz, ampliando a minúscula e rósea boquinha, numa sinceridade expontânea, que muito me sensibilizou... Depois... o Chinhas, um pouco ensonado, encostou a cabeceira no meu braço e começou a cedêr a uma força invisível, que lhe cerrava as pálpebras. Com um grande esforço, reabriu os olhos e fitou-me... Encolhi-me, receoso de que êle visse qualquer resquício da maldade que possuiu...

Não viu! Senti-me mais á vontade, mais serêno...

O Chinhas, socegado com o seu bêrço humano, fechou os olhinhos e adormeceu sem cuidados...

.....

Quando o Chinhas partiu, autorizou-me a beijá-lo, ofertou-me alguns dos seus melhores sorrisos e a sua mãozinha quasi invisível, mão de miniatura, disse-me adeus...

Senti a grandeza da solidão, ampliou-se o vácuo que me lavra intensamente na alma e tive tentações de chorar...

Agora espero-o, sem cessar, com impaciência...

Sabes porquê, leitor?... E' que o Chinhas é o único verdadeiro amigo que possuo!

José C.

DE RELANÇE...

No número 20 dêste quinzenário, de 25 de Junho de 1932, há quasi dois anos, chamámos a atenção das autoridades, para um depósito de lixo e mais inúdicies, existente num terreno da Rua do Brotero, esquina da Travessa da Madresilva, onde houve um prédio que foi devorado pelo fogo, há muitos anos, sem que até hoje fôssemos atendidos.

Passámos há dias por aquê local e notámos que aquilo está cada vez pior; o lixo amontôa-se; o tapume está pôdre, e tombado para a via pública, com grave perigo para as crianças e até para os adultos.

Estranhando que aquele desleixo se mantenha há tanto tempo, quando nós somos atuados constantemente por futilidades que a ninguém prejudicam, nem desleixos se possam considerar, perguntámos a quem aquilo pertencia, lembrando-nos que seria da Camara ou do Estado, que são entidades que possuem coisas daquelas aí por todos os cantos.

Mas afinal não é de nenhuma delas; é doutra entidade que também se julga no direito de não cumprir as leis do país: a casa dos Duques de Cadaval.

E nós a julgarmos que os privilégios tinham acabado em Portugal! Sempre somos muito ingénua, para não dizer parvo.

Fresina.

OFICINA DE RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE

Albano Machado

Reparações em relógios de todas as marcas e objectos de ouro e prata
PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E ECONOMIA

Calçada da Ajuda, 162 LISBOA
TELEFONE BELEM 236

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril Calvár o, 1

Instalações eléctricas

a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro eléctrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 157 e 169, B. Telef. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escrituração comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Armam-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA LISBOA

TELEFONE BELEM 517

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

Drogas, produtos quimicos, tintas de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias

147, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

ANTES DA PARTIDA

Quando em 9 de Junho de 1930 puzemos pé em terra firme, de regresso da colónia da Guiné onde havíamos permanecido 3 anos e dias, vínhamos na disposição de não mais, em comissão de serviço, sairmos a barra do lindo e magestoso Tejo; porém, circunstâncias muito especiais obrigaram a modificar por completo os nossos propósitos, penalizando-nos imenso termos de modificar ou renunciar ao que havíamos delineado previamente.

Desta vez vai o destino atirar-nos para as terras onde Vasco da Gama — o melhor entre os melhores marinheiros do seu tempo — aportou, ao fim da sua longa e acidentada viagem que, na História, ficou cognominada «a descoberta do caminho marítimo para a Índia».

Ali vamos permanecer todo o tempo que a lei estabelece, desde que a saúde ou a nostalgia em tal consintam; e, bom será que elas se não oponham á resolução tomada, para que possámos certificar-nos da possibilidade ou impossibilidade da cura, pela ausência prolongada da nossa sensibilidade que tantos prejuizos de ordem material e moral nos tem acarretado.

¿Teremos a necessária coragem para vencer? O tempo dirá.

Enquanto se não aproximou o dia marcado para a saída de Lisboa, ansiosamente o aguardávamos, visto proporcionar-se o ensejo de fugirmos do convívio forçado de alguém que, com certeza, não escapará ao prémio que lhe deu direito o seu infame procedimento, o qual nos tem feito passar momentos bem amargos, em parte suavizados pela companhia de amigos dedicados.

Só junto desses bons amigos, nós esquecíamos os nossos sofrimentos, razão porque quasi nos chegávamos a arrepender da resolução tomada, de abandonarmos temporariamente o cantinho de Lisboa, onde nos fizemos homem.

E esses amigos, dando largas ás

suas admiráveis e inconfundíveis qualidades de caracter e nobreza de sentimentos, não quizeram que nós deixássemos Lisboa, sem nos mostrarem evidentemente até onde chegava a sua amizade, a sua estima, a sua dedicação, por quem outra coisa não fez senão esforçar-se por retrair as atenções e as provas de amizade que, dia a dia, hora a hora, lhe eram dispensadas generosamente.

No dia 21 de Janeiro último, esses bons amigos foram a casa e, arrancando-nos dali, levaram-nos para local previamente escolhido e ali nos proporcionaram algumas horas que já mais poderão ser olvidadas.

Essas horas de alegria, a que superficialmente aludimos para não ferir a modéstia dos nossos amigos, deram-nos a convicção de que na freguesia da Ajuda, ainda que imerecidamente, podemos contar com boas e leais dedicações que, na ocasião propria, sabem mostrar de quanto são capazes.

E não querendo que nós partíssemos sem o abraço sincero de despedida, uma deputação de amigos, dos mesmos que nos acompanharam no referido dia 21, como souberam que embarcariamos no dia 29 do aludido mês de Janeiro, foi ao cais levar-nos o adeus de todos. De maneira que, ao aproximarmos-nos do vapor que nos havia de conduzir a Port-Saïd, o magnifico transatlântico «SIBAJAK», da N. V. Rotterdamsche Lloyd, ali fomos encontrar essa deputação, á frente da qual se encontrava a direcção do jornal «O Comércio da Ajuda».

Apesar do dia apresentar um aspecto invernos, também foram ao cais de embarque quasi todos os officiais inferiores que, nos Serviços Auxiliares da Marinha, durante mais de dois anos, serviram sob as nossas ordens, directa e indirectamente.

**Este número foi visado
pela Comissão de Censura**

Do grupo formado por estes velhos camaradas e amigos, destacou-se o 2.º sargento, Anibal Gonzaga de Andrade que, num belo e sugestivo improvisado, em seu nome e no dos restantes colegas, nos apresentou cumprimentos e votos de uma boa viagem; acto continuo, dirigiu-se a minha espôsa e fez-lhe entrega de um lindo bouquet de cravos e rosas naturais, adquirido por cotisação entre elle e os seus companheiros ali presentes.

Foi tal a surpresa e a comoção que de ambos se apoderou, que não foi possível encontrar palavras que traduzissem fielmente o que sentimos, em presença de tão simpático gesto que definiu bem até onde pode chegar a boa harmonia entre a familia militar, sem que com ella a disciplina seja prejudicada.

O nosso silêncio ficará desculpado por aqueles amigos, que o filiarão no nosso estado de perturbação, perante tantas provas de amizade que, naquele momento nos ostavam sendo dispensadas.

Feitas as despedidas no cais, dirigimo-nos para bordo e, á entrada, nova surpresa nos estava reservada, com a presença de elevado número de senhoras e de amigos, tudo disposto a não nos deixarem partir sem sentirmos fortemente o efeito do abraço de despedida, para nos encorajar e nos testemunharem a sua consideração e amizade.

A todas as pessoas que, de qualquer forma nos patentearam o seu carinho, no momento de deixarmos a terra mãe, enviamos os nossos melhores agradecimentos e sinceramente afirmamos de que o seu gesto perdurará através da vida, servindo de lenitivo nas horas mais difíceis que tenhamos de suportar, durante a prolongada ausência que vamos fazer.

Navegando a bordo do «Sibajak», em 6 de Fevereiro de 1934.

Agostinho António.

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496

≡ SALÃO ≡ TELEF. B. 124

PORTUGAL

Travessa da Memória — Ajuda

Sábado 31 e Domingo 1 — As grandiosas super-produções

O Rei do Espaço — O Diabo seja surdo

Domingo 1 — MATINÉE às 3 horas da tarde, com os filmes

NOS CONFINS DO MUNDO e O TERROR DOS BANDIDOS

Dia 2 — O Segredo da Policia de Paris e A ultima acusação.

Dias 4 e 5 — EU SOU UM EVADIDO, um formidavel, terrivel e impressionante libelo contra o regimen penitenciário. Grande successo do São Luiz Cine.

Dias 6, 7 e 8 — A Vida Privada de Henrique VIII e outros excelentes filmes.

Dias 9, 11 e 12 — Três colossais estreias.

Dias 13, 14 e 15 — TOUREIRO Á FORÇA.

Dia 16 — O TIGRE DOS MARES.

TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡

PALATINO

R. Filinto Elísio (Alto de Santo Amaro)

Sábado 31 e Domingo 1 — Os soberbos filmes de aventuras

Nos Confins do Mundo — O Terror dos Bandidos

Domingo 1 — às 3 horas da tarde

GRANDIOSA MATINÉE, com o mesmo programa

Dia 2 — A Estrela de Valencia e D. Quixote

Dia 4 — A sensacional cine-opereta com LILIAN HARVEY OS MEUS LABIOS ENGANAM.

Dia 5 — Uma estreia de successo.

Dias 7 e 8 — CAVALGADA.

Dia 9 — Uma Rapariga Feliz e Homem de Coração.

Dia 11 — Os sensacionais filmes O Milagre de Lourdes e Eu de Dia e Tu de Noite.

Dias 13, 14 e 15 — O hilariante filme, grande successo do São Luiz Cine, TOUREIRO Á FORÇA.

Dia 16 — O Tenente do Amor e A Condessa de Monte Cristo.

Dia 18 — O formidavel filme O SINAL DA CRUZ.

A SEGUIR — A CANÇÃO DE LISBOA

Assistência aos inválidos

É com o maior prazer que noticiamos que o Governo, ao abrigo do art.º 43.º do decreto 21.669, resolveu, por intermédio do Commissariado do desemprego, subsidiar, com 90 escudos mensais, os invalidos inscritos naquele Commissariado, ou outros que a isso tenham direito, pelo seu precário estado de saúde.

Dessa boa determinação e com referencia ao mez que hoje termina, já nos princípios de Abril beneficiarão 500 e tantos invalidos da capital, pertencendo uma duzia deles á nossa freguesia.

Mais nos consta, por informação de pessoa que nos merece toda a consideração, que por intermédio do mesmo Commissariado o Governo resolveu também, num futuro próximo participar totalmente na distribuição de refeições a grande número de famílias mais necessitadas.

Quaesquer destas medidas, são de grande alcance social. E se os 3 escudos por dia, não são suficientes para o custeio duma familia, todos o sabemos, já é alguma coisa, para quem nunca pensou em se cotisar para garantir o futuro, e é, quanto a nós, um bom exemplo, um grande exemplo mesmo, porque é a prova que o Estado reconhece o direito de ser socorrido todo aquelle que trabalhou enquanto ponde.

Francisco Duarte Resina.

O regresso de Carlos Bleck

Carlos Bleck, o joven e audaz aviador civil que, sósinho, e num minuscuro avião, fez, com rara felicidade, a extensa e arriscada viagem aerea á India Portuguesa, chegou a Lisboa pelo Sud-Express, na quinta-feira passada.

Não regressou, como era seu desejo, no mesmo avião com que chegou a Nova Gôa. Disso o impediu a doença e o esgotamento físico, consequência da rapidez da viagem e do esforço dispendido.

Não fica, porém, diminuido o feito do joven aviador, a quem o amor filial e o desejo de bem colocar o nome de Portugal fizeram arriscar a saúde e a vida.

Assim o compreenderam os seus numerosos amigos e admiradores, e uma grande multidão que o aguardava á chegada do comboio, dispensando-lhe uma carinhosa manifestação de simpatia.

Grémio Esperantista Popular

Realisou-se hontem, nesta prestimosa agremiação, uma pequena mas interessante festa, para inauguração duma mesa de ping-pong.

«O Comércio da Ajuda», que se fez representar, agradece as provas de atenção com que foi distinguido.

LUSITANIA
a aparecer brevemente

O XXVII aniversário do Centro Republicano de Belém

O Centro Escolar Republicano de Belém, esteve em festa no dia 25 do corrente, comemorando o 27.º aniversário da sua fundação, para o que efectuou uma sessão solene, presidida pelo Sr. Simões Raposo, illustre inspector escolar, e secretariada pelos Srs. Joaquim André, velho fundador do Centro, e Abílio do Amaral.

Falou em primeiro lugar o Sr. Tenente Gomes Roêta, presidente da Direcção do Centro, que, num eloquente discurso, descreveu a história deste Centro dos outros congéneres, principalmente no que diz respeito ao combate ao analfabetismo, agradecendo á imprensa a forma como tem feito o relato das festas do Centro, e levantou vivas á Patria e á República, correspondidos de pé, por toda a assistência.

Falaram também, interessando a selecta assistência, os Srs. Roberto Rodrigues, representante do nosso jornal, Adolfo Martins e Julio Marquos, e por último o Sr. Simões Raposo, illustre presidente da mesa, que dissertou, brilhantemente, sobre instrução, educação, civismo e amor patrio.

Terminou a festa por um animado baile.

«O Comércio da Ajuda», agradece o convite recebido e as atenções de que foi alvo o seu representante.